

João Paulo II e os judeus

EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA

Nunca na história recente da Igreja, um papa trabalhou tanto pela aproximação entre católicos e judeus, como durante o pontificado de João Paulo II. Essa atuação, marcada pela visita à sinagoga de Roma, o estabelecimento de relações diplomáticas com Israel e a visita do Papa João Paulo II a Israel não foi fruto do acaso. Os papas João XXIII e Paulo VI trabalharam nesse sentido, mas Karol Wojtyła nasceu em Wadowice, Polônia, conviveu desde sua infância com famílias judias.

Ele viu seus amigos judeus morrerem sob o nazismo e sua sala de aula ficar progressivamente vazia¹. Participou da resistência à opressão nazista e comunista. Falsificou documentos para livrar os judeus dos nazistas e sempre esteve convicto de que os laços entre judeus e cristãos deviam apontar para um mundo melhor, agora, já, em nosso tempo presente, e não somente num futuro distante. Falando sobre o diálogo judeu-cristão, o rabino Simón Moguilevsky, da Congregação Israelita da República Argentina, disse: "Sabemos aquilo que nos une: a crença em um Deus único, a afirmação da realidade de um universo espiritual onde desenvolvemos a vida religiosa, a crença no valor de cada indivíduo e seu lugar especial no desenvolvimento da história. E finalmente, temos em comum compartilhar a fé messiânica em um futuro que dará ao homem a possibilidade de algo melhor que o presente do nosso tempo."²

E esse algo melhor começou nitidamente a emergir na segunda metade do século passado, apesar das posturas corajosas de muitos no passado³. Nos anos sessenta, no decorrer de uma conferência em Chicago, monsenhor John S. Quinn, um dos peritos do Concílio do Vaticano II, revelou uma oração composta pelo papa João

O autor é doutor em ecologia, dá cursos e publicou "Sábios fariseus. Reparar uma injustiça" (Loyola, 2001), entre outros livros sobre a espiritualidade cristã e as raízes judaicas do cristianismo.

1. Karol era o goleiro do time dos judeus em sua escola, quando ser do time dos judeus era um ato de coragem.

2. Antônio Carlos Coelho. Encontros marcados com Deus. Expressão da unidade do Povo de Deus. Coleção Midrax. Ed. Paulinas. São Paulo. 1999.

3. "Tenia San Ignacio de Loyola, respecto a los judíos y los conversos, ideas que estaban en contradicción con las de muchos prelados españoles de su época y más en armonía con las de Alonso de Cartagena, fray Alonso de Oropesa y los defensores de aquel linaje, cien años antes. Así, San Ignacio mantuvo una postura hostil a los estatutos de limpieza y a todo lo que éstos implicaban en el mismo momento de su máxima expansión. Repetidas veces dijo que él hubiera considerado gracia especial el venir de linaje de judíos." in Julio Caro Baroja. Los judíos en la España moderna y contemporánea. Madrid, 1961.

4. Richard P. McBrien. Os papas. Os pontífices: de São Pedro a João Paulo II. Loyola. São Paulo. 2000.

5. Evaristo E. de Miranda e José S. Malca. Sábios Fariseus. Reparar uma injustiça. Loyola. São Paulo. 2001.

XXIII⁴ (1881-1963), poucos dias antes de sua morte. Segundo seu desejo, ela deveria ser recitada por todas igrejas. Nela o papa João XXIII pedia perdão a Deus por todos os sofrimentos que a Igreja Católica fez os judeus padecerem. O texto da oração publicada é o seguinte:

"Senhor!

Estamos conscientes de que, no decorrer de muitos séculos, nossos olhos se achavam tão cegos que já não éramos capazes de ainda ver a beleza de Teu povo eleito, nem de reconhecer a Tua face nos traços de nossos irmãos privilegiados.

Compreendemos que o sinal de Caim esteja escrito em nossa fronte no curso dos séculos; estava nosso irmão deitado, ensanguentado e em prantos por causa da nossa falta, porque havíamos esquecido Teu amor.

Perdoa-nos a maldição que injustamente tínhamos atribuído ao seu nome de judeu. Perdoa-nos o Te haveremos, uma segunda vez, crucificado neles, em sua carne, porque não sabíamos o que fazíamos"⁵.

E o Magistério da Igreja tem sido muito claro neste sentido, nos últimos cinquenta anos. Sob o pontificado de Paulo VI, o documento do Vaticano *Nostra Aetate* (28-10-1965) afirmou: o conjunto do povo judeu contemporâneo de Cristo não pode ser considerado como responsável da sua morte, mesmo se alguns colaboraram com os romanos. Esse mesmo Império crucificou milhares de outros judeus nessa época. O documento do Vaticano afirma também: é ainda mais absurdo, incriminar os judeus das gerações consecutivas. E se espanta de que, ainda hoje, seja necessário afirmar solenemente uma verdade tão elemental!

As Orientações para a Aplicação da *Nostra Aetate* (3-1-1975) agregaram as seguintes precisões: "Os vínculos espirituais que unem a Igreja ao judaísmo condenam toda forma de anti-semitismo e impõem o dever de uma melhor compreensão recíproca. É importante que os cristãos busquem conhecer melhor os componentes fundamentais da tradição religiosa do judaísmo e que eles aprendam por que atrações essenciais os Judeus se definem na sua realidade religiosa vivida. O Antigo Testamento e a tradição judaica fundada sobre ele não devem ser considerados como opostos ao Novo Testamento de forma a só oferecer uma religião da justiça única e do medo e do legalismo, sem recorrer ao amor de Deus e do próximo."



À direita, o autor do artigo, durante curso na Vila Kostka.

Em sua histórica visita à sinagoga de Roma (13-4-1986), o papa João Paulo II afirmou: “Os cristãos devem se sentir irmãos de todos os homens; essa obrigação vale ainda mais quando eles se encontram diante daqueles que pertencem ao povo judeu. (...) Qualquer um que encontre Jesus Cristo, encontra o judaísmo. A religião judaica não nos é “extrínseca”, mas de certa forma intrínseca à nossa religião. Nós temos com ela, relações que não possuímos com nenhuma outra religião. Vocês são irmãos prediletos e, de uma certa maneira, poderíamos dizer “Nossos irmãos mais velhos”. Os judeus são queridíssimos de Deus que os convocou para uma vocação irrevogável.”⁶ O Papa João Paulo II rompeu com dois mil anos de história de separação, preconceito, erros

6. Frère Iohanen. Juifs et chrétiens d'hier à demain. Ed. Cerf. Paris. 1997.

7. Antônio Carlos Coelho. O Papa e os Judeus. Visão Judaica. Ed. 18. Curitiba. Outubro. 2003.

8. Jubileu dos 2.000 anos do nascimento de Jesus Cristo em Belém. O jubileu é uma instituição judaica, com mais de 3.000 anos, que devia ser celebrado no Israel de então a cada 50 anos, para perdoar dívidas, libertar escravos, devolver terras, em busca de justiça e igualdade. Esse jubileu bíblico foi assumido pelo papa Bonifácio VIII, há 700 anos, como Ano Santo, a ser celebrado pelos católicos a cada 25 anos, para dar lugar a Deus na vida de todos e relacionar o comportamento social com a fé religiosa.

teológicos e deu pessoalmente o exemplo a todos, de qual seria o novo olhar católico sobre o povo judeu: o olhar de irmãos.

Na ocasião da visita de João Paulo II à Sinagoga de Roma, ele foi recebido pelo Rabino Élio Toaf. Durante a visita, o Rabino contou uma história. Durante a guerra, um menino, filho de uma família judeu-polonesa, foi deixado aos cuidados de uma família católica até que a guerra terminasse. A mãe pedira à amiga católica que o educasse na fé dos pais, do Deus único. A guerra terminou e os pais do menino não voltaram. Os responsáveis pela criança, vendo que os pais não voltaram para buscá-la, procuraram o padre da cidade para batizá-la na Igreja. O padre não aceitou de imediato o batismo. Perguntou aos responsáveis sobre a origem da criança. Quando soube da história disse: peguem esta criança e a entreguem a uma família judia para que possa ser criada segundo a tradição e a fé de seus pais. Depois, completou o Rabino Toaf: — O padre hoje é o Papa, e eu era o menino⁷.

Na visita histórica do papa João Paulo II a Israel (23-03-2000) por ocasião do Jubileu⁸, em nome do Deus único, ele pediu aos fiéis das três religiões monoteístas: “Reconheçamos as diferenças entre nós, mas também reconheçamos em cada ser humano a imagem e semelhança do Criador.” Elogiado pelos líderes políticos de Israel por seu combate ao anti-semitismo, João Paulo II, artífice do processo que culminou com o estabelecimento de relações diplomáticas entre o Vaticano e o Estado judeu, pediu coragem para acabar com todas as formas de preconceitos. “Temos de lutar para apresentar sempre e em todas as partes a verdadeira face dos judeus e do judaísmo, e também dos cristãos e do cristianismo”.

A manifestação de afeto do papa pelo povo judeu, uma relação sedimentada ao longo de toda a vida do pontífice, teve seu ponto culminante na visita ao Memorial do Holocausto. Ali, cerca de 200 sobreviventes, entre os quais 20 pessoas procedentes de Wadowice, na Polônia, sua cidade natal, receberam o abraço emocionado do papa. Um dos momentos mais intensos foi o seu encontro com Edith Tziner, de 69 anos. Quando era jovem, o padre Karol Wojtyla, salvou-a da morte, em janeiro de 1945, levando-a em seus braços por três quilômetros, até uma estação de trem. A mulher, em lágrimas, tocou o braço do papa em sinal de afeto.

“Segundo os sobreviventes da insanidade nazista, quando o papa lembra aqueles que morreram no Holocausto não se refere

a vítimas sem rosto, mas a amigos e colegas de turma. A experiência do sofrimento dá ao papa uma autoridade que não costuma estar presente nas estratégias puramente políticas ou nos rarefeitos gabinetes curiais. O papa falou em paz, justiça e unidade como 'presentes de Deus', tocando no ponto nevrálgico que fez da sua visita um acontecimento de enorme conteúdo e conseqüências políticas, embora tenha reiterado o caráter religioso da sua peregrinação. A coragem para enfrentar temas espinhosos, apoiada no alicerce de uma incontestável força moral, fez com que a palavra de Sua Santidade pudesse ser ouvida num território minado por séculos de ódio e de incompreensões.⁹

9. Mensageiro da Reconciliação. Editorial. Jornal O Estado de S. Paulo. 25 Março 2000.

O corajoso e profundo documento pontifício Memória e Reconciliação — A Igreja e as Culpas do Passado, destaca: “como sempre, é fundamental estabelecer, mediante a pesquisa histórico-crítica, a verdade histórica. Estabelecidos os fatos, será necessário avaliar seu valor espiritual e moral, assim como seu significado objetivo. Só assim será possível evitar toda espécie de memória mítica e chegar a uma adequada memória crítica, capaz — à luz da fé — de produzir frutos de conversão e de renovação”¹⁰.

10. Memória e Reconciliação — A Igreja e as culpas do passado. Loyola. S. Paulo. 2000.

Os absurdos e crimes do passado não merecem ser esquecidos. Devem alimentar um olhar novo, vigilante e positivo sobre o futuro. Os passos, no sentido da reconciliação, implicam revisitar as memórias comuns e santificá-las, purificando-as das culpas e equívocos passados. Durante o pontificado de João Paulo II, graças ao esforço do Papa e de alguns dos seus assessores, especialmente do Cardeal Ratzinger, a Shoá tornou-se tema da reflexão teológica da Igreja. Como sinaliza A. Coelho, “a Igreja fez um profundo exame de consciência e conclamou a todos os católicos a reverem suas posições e conceitos sobre o judaísmo e os judeus. É verdade que os esforços e exemplos desses homens não são suficientes para vencer os velhos preconceitos anti-semitas, que ainda perduram dentro da Igreja, principalmente entre alguns grupos mais tradicionais e também entre grupos mais “progressistas” de duvidosa vocação e fidelidade à Igreja, que hoje reeditam velhos chavões do anti-semitismo.”¹¹

11. Antônio Carlos Coelho. *Ibidem*.